

SESSION 2024

**CAPES
CONCOURS EXTERNE**

**SECTION LANGUES VIVANTES ÉTRANGÈRES :
PORTUGAIS**

ÉPREUVE ÉCRITE DISCIPLINAIRE APPLIQUÉE

Durée : 6 heures

L'usage de tout ouvrage de référence, de tout dictionnaire et de tout matériel électronique (y compris la calculatrice) est rigoureusement interdit.

Il appartient au candidat de vérifier qu'il a reçu un sujet complet et correspondant à l'épreuve à laquelle il se présente.

Si vous repérez ce qui vous semble être une erreur d'énoncé, vous devez le signaler très lisiblement sur votre copie, en proposer la correction et poursuivre l'épreuve en conséquence. De même, si cela vous conduit à formuler une ou plusieurs hypothèses, vous devez la (ou les) mentionner explicitement.

NB : Conformément au principe d'anonymat, votre copie ne doit comporter aucun signe distinctif, tel que nom, signature, origine, etc. Si le travail qui vous est demandé consiste notamment en la rédaction d'un projet ou d'une note, vous devrez impérativement vous abstenir de la signer ou de l'identifier. Le fait de rendre une copie blanche est éliminatoire.

Tournez la page S.V.P.

A

INFORMATION AUX CANDIDATS

Vous trouverez ci-après les codes nécessaires vous permettant de compléter les rubriques figurant en en-tête de votre copie.

Ces codes doivent être reportés sur chacune des copies que vous remettrez.

► **Concours externe du CAPES de l'enseignement public :**

Concours	Section/option	Epreuve	Matière
E B E	0 4 3 3 E	1 0 2	9 3 1 2

Thématique : Art et Pouvoir

1. Élaboration d'une séquence

À partir de la thématique indiquée, vous élaborerez une séquence d'enseignement en langue française.

Préalablement, vous présenterez, analyserez et mettrez en relation les différents documents proposés. Puis, vous exposerez votre séquence pédagogique qui pourra s'appuyer sur tout ou partie des supports qui composent le corpus.

Vous veillerez à définir une problématique et un projet final pour cette séquence. Vous indiquerez également les objectifs culturels, communicationnels et linguistiques pouvant être retenus en classe de terminale au regard des instructions officielles et dégagerez des stratégies pour développer les compétences et les connaissances des élèves.

Enfin, vous penserez à indiquer quel(s) type(s) d'évaluation(s) vous envisagez pour vous assurer des acquis des élèves tout au long de la séquence.

2. Analyse des faits de langue

En prenant appui sur le document 3, vous décrierez, analyserez et explicitez les faits de langue soulignés dans la perspective du travail en classe lors de cette séquence pédagogique.

Composition du dossier

- Document n° 1 : Texte *A ditadura, as artes e a cultura*
- Document n° 2 : Timbre commémorant le centenaire de la naissance de Juscelino Kubitschek
- Document n° 3 : Chanson de Chico Buarque, *Apesar de Você*
- Document n° 4 : Couverture du DVD du film *O ano em que meus pais saíram de férias*
- Document n° 5 : Photographie d'une manifestation
- Document n° 6 : Texte *Censura. E artistas tentavam driblar o fuzil com versos*

A ditadura, as artes e a cultura

Entre a ditadura, que não foi um monolito mudando segundo as circunstâncias, e a cultura, extraordinariamente diversa no caso do Brasil e também mutante, as relações foram muito complexas.

Em seu primeiro governo a ditadura pareceu tolerar ou negligenciar a cultura de protesto (música, cinema, literatura, artes plásticas) elaborada por artistas e intelectuais que, através de sua arte e de seu humor, criticavam a censura e o regime, incentivavam a rebeldia e denunciavam o terrorismo cultural. No momento seguinte, no entanto, no agitado ano de 1968, embora o gênero florescesse, acirrou-se a censura e apareceram grupos paramilitares de direita ameaçando e, às vezes, atacando manifestações artísticas. Com o AI-5¹, diminuíram drasticamente, embora não fossem extintas as margens para este tipo de arte comprometida com as lutas sociais e os programas políticos derrotados em 1964.

Houve, contudo, manifestações culturais, outras extraordinariamente populares que não tiveram senão problemas secundários com a ditadura e seus censores. A Jovem Guarda e os grupos nacionais de rock'n roll, com ritmos e temáticas que pareciam longe da dimensão política; a música sertaneja, que preservou e aumentou sua audiência e que também frequentava pouco as ásperas trilhas dos embates contra a ditadura; os programas humorísticos televisivos, ouvidos e vistos por milhões de pessoas; as novelas que, sobretudo a partir de Beto Rockfeller (o anti-herói que só queria subir na vida), tornaram-se um ingrediente essencial da cultura popular nacional.

Ao longo dos anos 1970 e cada vez mais, a vitória do projeto de modernização conservadora, a urbanização e a industrialização intensas do País, a revolução nas comunicações, a integração nacional pelas redes de televisão, entre outros fatores, iriam suscitar temáticas, abordagens e polarizações que pareciam distanciar o Brasil do período anterior ao golpe de 1964.

Neste quadro houve a possibilidade de convergências e alianças imprevistas, como a de autores de tradição de esquerda criarem e divulgarem seus trabalhos (novelas) através de redes televisivas notórias adeptas do regime ditatorial, mesmo que, eventualmente, tivessem dificuldades com a censura governamental. É que, no caso, embasavam a aliança afinidades comuns tecidas em torno de valores modernos e progressistas, compatíveis com a sociedade que emergia como resultado dos alucinados anos do milagre econômico.

O mesmo aconteceu com o cinema, onde a Embrafilme, agência estatal, não se privou de financiar filmes nestas mesmas bases explorando as relações pessoais, dramas íntimos ou as questões dos costumes, às vezes abordadas de ângulos inovadores.

A cultura de protesto não desapareceu. Permaneceu nas margens e tornou a aflorar nos últimos anos da ditadura, sobretudo com o fim da censura, mas sem a relevância que fora a sua logo depois da vitória do golpe. Mudara o País, e radicalmente ensejando no mesmo movimento a mudança dos padrões culturais.

Daniel Aarão e Denise Rollemberg, 7/04/2022

<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/destaques/a-ditadura-as-artes-e-a-cultura>

¹ AI-5 : Ato institucional número 5 duma série de decretos promulgados pela ditadura militar.



<https://www.selomania.com.br/selos-colecionaveis/brasil-filatelia/comemorativos-novos/2002-at%C3%A9-2003.html>

Apesar de Você
Chico Buarque (1970)

Amanhã vai ser outro dia
Amanhã vai ser outro dia
Amanhã vai ser outro dia
Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão, não
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão
Apesar de você
Amanhã **há de** ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar
Quando chegar o momento
Esse meu sofrimento
Vou cobrar com juro, juro
Todo esse amor reprimido
Esse grito contido
Este samba no escuro
Você que inventou a tristeza
Ora, **tenha** a fineza

De desinventar
Você vai pagar e é dobrado
Cada lágrima rolada
Nesse meu penar
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Inda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia
Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente
Como vai abafar
Nosso coro a cantar
Na sua frente
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Você vai se dar mal
Etcetera e tal
Lá lá lá lá lá lá

Document n° 5



<https://www.grupoescolar.com/pesquisa/o-fim-do-regime-militar.html>

Usava-se a frase "Amanhã vai ser outro dia", da música *Apesar de você*, de Chico Buarque para se opor à ditadura. No dia 25 de janeiro de 1984, cerca de 300 mil pessoas estiveram presentes na Praça da Sé, em São Paulo, para protestar

Document n° 6

CENSURA. E ARTISTAS TENTAVAM DRIBLAR O FUZIL COM VERSOS

Driblar a censura foi um aprendizado para todos os artistas e intelectuais que, a partir de 1964, se engajaram na resistência ao regime militar. Os que estavam vinculados à música popular encontraram nas letras das canções uma forma de protesto, quase sempre se valendo de metáforas, na tentativa de despistar o olhar vigilante da ditadura. Houve também uma mudança de foco da produção cultural brasileira, que antes do golpe buscava, como se dizia à época, “despertar a visão crítica e promover o protagonismo” das classes populares.

“Antes de 64, a cultura estava procurando falar para os operários, para os camponeses, ia às favelas. Agora [na resistência à ditadura] era a classe média falando para a própria classe média, mas com muito vigor, muito talento e muita garra”, explica a professora Heloisa Buarque de Hollanda, da Universidade Federal

do Rio de Janeiro (UFRJ). De acordo com ela, antes havia muito debate sobre a reforma agrária e outras medidas de justiça social. “Esse projeto não dava mais, mas cantar, a coisa dava. Foi uma resistência que entrou no lugar da política, da participação direta na luta pelas reformas”, conta.

Caetano Veloso, Milton Nascimento e Gonzaguinha integram a longa lista de compositores que tiveram músicas censuradas durante o regime militar. O caso mais emblemático, porém, foi o da proibição da canção *Pra Não Dizer que Não Falei das Flores*, de Geraldo Vandré, segunda colocada na fase nacional do Festival Internacional da Canção de 1968, no Rio de Janeiro. A música acabou se tornando um hino da resistência à ditadura e levou seu autor ao exílio, após o Ato Institucional 5, o AI-5, baixado naquele mesmo ano, que ampliou o poder de arbítrio do regime.

As metáforas foram usadas para evitar o choque direto com a censura. Um exemplo é a canção *Cálice*, de Chico Buarque e Gilberto Gil, em que a palavra que dá título à composição tem som idêntico à expressão “cale-se”. Alvo predileto da censura, sobretudo a partir da decretação do AI-5, em 1968, Chico Buarque chegou a adotar, no início da década de 1970, o pseudônimo Julinho da Adelaide para ter suas músicas aprovadas. Com esse nome, conseguiu passar a música *Acorda, Amor*, uma clara referência à repressão policial do regime.

Paulo Virgílio, 30/03/2014

<https://www.notibras.com/site/censura-e-artistas-tentavam-driblar-com-versos-a-forca-dos-militares/>